

O PHAROL TRANSMONTANO: periódico mensal de instrução e recreio¹ (Bragança, 1845-1846) – Foi o primeiro jornal a ser impresso em Bragança; de carácter regionalista e periodicidade mensal, publicou o primeiro número em setembro de 1845, e terminou em agosto de 1846 com o número doze, conforme consenso geral nas fontes consultadas. A sua *direção*, composta por um corpo de três redatores, por vezes assina “Os RR.” No entanto, informa-se os leitores do jornal que os “**artigos da redacção ou vão sem assignatura, ou indicados com as seguintes letras iniciais – A.J. – A.F. de M.P. [António Ferreira de Macedo Pinto²] – D.A.** – para differença daqueles que nos forem communicados”. Seguem-se “As condições de assignatura” com o preço anual de “960 réis”, e o custo avulso de “120 réis” (n.º 1, p. 2).

Inocêncio Francisco da Silva, no seu dicionário, referencia *O Pharol Transmontano* como uma publicação de “**Bragança, Typ. de D. A. de Sá Vargas, 1845.** – Vi, e tenho deste periódico **24 numeros** no formato de 4.º, com 182 pag. – Nelle se compreendem **numerosos artigos de interesse scientifico e litterario, assignados com as iniciais do sr. Macedo Pinto, que foi um de seus fundadores e principaes redactores.**”³ Os “24 números” referidos correspondem na verdade a 24 *cadernos tipográficos*, dois por número; a coleção totaliza 192 páginas, e não 182 (provável erro tipográfico).

De acordo com **Maria da Conceição Meireles Pereira**, *O Pharol Transmontano* foi o **primeiro jornal impresso em Bragança, cidade que, em sequência, entra na história da imprensa periódica**, acrescentando que o periódico “sublinhava, no **programa que previamente distribuiu⁴**, os seus objectivos primordiais”. A autora refere que, além do periódico publicar artigos de “humanidades (biografias, excertos dos clássicos, história e património) e da útil sinopse de leis, portarias e decretos extraída do *Diário do Governo*”, **a maioria é de teor “técnico-científico – agricultura, pecuária e indústrias – patenteando a divulgação das últimas descobertas e aperfeiçoamentos, bem como a reivindicação de novos métodos agro-industriais [...]**”.

¹ Coleção digital disponível em

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/opharoltransmontano/opharoltransmontano.htm>.

² António Ferreira de Macedo Pinto (1810-1879); foi “capitão de Batalhão de Voluntários de D. Maria II” durante o *Setembrismo*, bacharel em medicina cirúrgica pela Universidade de Coimbra, lente da “Escola Médico-Cirúrgica do Porto”, médico militar e municipal em Bragança onde trabalhou em “assuntos de instrução e saúde públicas”, político, etc. “Fundou e redigiu o *Farol Transmontano*, mensário de instrução e recreio publicado em Bragança” [...]. Cf. “MACEDO PINTO (Visconde de)” – In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. 15, Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978, p. 743.

³ Cf. SILVA, Inocêncio Francisco da – “António Ferreira de Macedo Pinto” e “2470”. In *Diccionario Bibliographico Portuguez...* Lisboa: Imprensa Nacional, 1867, T. 8, p. 147.

⁴ Menção ao *N. Programa (1845)*, inexistente na coleção encadernada da Hemeroteca Municipal de Lisboa.

Acrescenta-se, na primeira nota deste texto, que “**o Abade de Baçal afirma que o periódico durou até 1847⁵.**”

João Carlos de Vilhena e César Mesquita, na sua tese de mestrado defendida em 1997 na Faculdade de Letras Universidade do Porto⁶, onde investigou graficamente as publicações periódicas portuguesas entre 1820 e 1850, escreveu: “periódico de natureza literária *O Pharol Transmontano*, cujo preço era de 120 reis, tendo como **director António Ferreira de Macedo Pinto**. Este periódico, que teve 12 números, **apresentou 3 xilogravuras [...]**”. O autor também menciona que duas representam “**animais**, de uma forma tosca” e que a outra representa “um **instrumento agrícola** (gadanha)” cuja “vertente artística assumiria uma importância apenas relativa”, pois a “**temática está directamente ligada ao próprio meio rural onde este periódico era publicado [...]**”⁷

Acrescentamos que as xilogravias não se encontram assinadas, e ilustram os textos: “**O Alpaca**” e “**O Lince ou Lobo Cerval**” de **A.F. de M.P.**, o *redator principal* (p. 20, p. 69); e “**A Gadanha Alemã**” por **D.A.**, outro redator do periódico (p. 180).

PROGRAMA DO CORPO REDATORIAL

Os redatores, assinando “**Os RR.**” **abrem o periódico com o texto “O Pharol**”, defendendo o **aumento da instrução** para os portugueses poderem atingir o “**grande fim de completa regeneração, e para subirem ao maior gráo de prosperidade e civilização**”; afirmam que é indispensável que as “sociedades modernas” tenham o **auxilio da “imprensa, com especialidade a imprensa periodica**, que derrama a sua luz até ás classes mais baixas, e mais numerosas, e popularisa entre ellas os principios, as verdades, e as mais uteis applicações das sciencias, e das artes, despidas da lingoagem technica, que mal comprehenderiam” [...].

No mesmo texto refere-se o **atraso civilizacional de Portugal**, o qual este jornal tem intenção de mudar. Menciona, alegoricamente, que “não é raro encontrar os rochedos escarpados da preocupação, e da ignorância, contra os quaes vão frequentemente naufragar o agricultor, o artista, e o comerciante, &c. **Aqui pois acendemos o nosso Pharol – O PHAROL TRANSMONTANO**”.

Quanto aos conteúdos, os redatores prometem “**empenho, dando noticia dos inventos, descobertas, e aperfeiçoamentos, que julgarmos de prestimo**, nas sciencias, nas artes, e na industria: artigos sobre a historia Natural e Politica, com particularidade dos **objectos peculiares a esta Provincia**, dignos

⁵ PEREIRA, Maria da Conceição Meireles – “Imprensa e regionalismo em Bragança. Do Liberalismo aos alvares do Estado Novo”. In *O Património Histórico-Cultural da região de Bragança/Zamora*, pp. 165-175.

⁶ MESQUITA, João Carlos de Vilhena e César – *A Ilustração nas publicações periódicas portuguesas (1820-1850)*, disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19448/2/FLM05701P000081851.pdf>.

de serem notados, taes como os animaes, vegetaes, mineraes, monumentos e noticias da antiguidade [...]", sempre interligados com a prática da agricultura.

O texto termina com os redatores esperançosos em **aumentar as duas folhas de impressão** (16 páginas) por cada número do periódico, e em **ilustrar artigos "para mais fácil e clara intelligencia de sua materia"** (pp. [1] -2).

ENQUADRAMENTO DOS CONTEÚDOS

António Ferreira de Macedo Pinto (A.F. de M.P.), descrito como o *redator principal* ou o *diretor* de *O Pharol Transmontano*, foi o seu maior dinamizador e colaborador. Liberalista convicto, publica um "**Soneto**" de 1843, em "**Commemoração. Oito de Julho 1832. O Desembarque de D. Pedro nas Praias do Mindelo**" (p. 175).

O *Dr. Macedo Pinto* também redige inúmeras *notícias úteis* de carácter científico de sua autoria, ou retiradas de outros periódicos, como: "**Necessidade de renovar a materia vacinica**", "**Aerolithes em Traz-os-Montes**", "**Secreção artificial do leite**" e "**Novo modo de empregar a creosote na conservação das carnes, e do pescado**" (n.º 1-n.º 12). Merece destaque a sua colaboração nas rubricas "**Hygiene, e Salubridade da Infancia**" (n.º 9-n.º 11), "**Ephemerides da historia Portugueza**" (n.º 5-n.º 11), e o moralista "**O Collar da Finada. Romance contemporâneo**", como sua "primeira tentativa" e publicado em continuação (n.º 5-n.º 9).

Antes, no artigo "**O Romance**", em voz plural, lê-se: "**Os Redactores do Pharol Transmontano**, avaliando devidamente a missão e os deveres, que incumbem a todo o escriptor publico, e **com particularidade á imprensa periodica**, decidiram reservar nas paginas do seu jornal um logar, no qual, a exemplo de nossos Literatos, offerecessem a seus leitores algum alimento para o espirito, que nem tudo se há de dirigir ao corpo, embora as tendencias do seculo sejam essas"; e **por estar a la moda**, o "**Romance – esta forma inseparável da nova literatura, este aspecto brilhante da arte moderna, que insinuando-se por entre as turbas lhes póde, e deve levar, a dissimular a doutrina, e a illustração em todos os ramos.**" Segue-se que, do *romance histórico* "possuímos já hoje dois modellos de que nos devemos vangloriar, e que affeitos podemos mostrar a estrangeiros: fácil é de vêr, que fallamos do *Eurico* [1844, de Alexandre Herculano], e do *Arco de Santa Anna* [1845, de Almeida Garrett; 2º v, 1850]." Depois, os redatores anunciam: "**Será pois um Romance contemporaneo que vamos escrever**" (n.º 5, pp. 73-74).

Paralelamente, **António Ferreira de Macedo Pinto**, pertencia à **direção da "Sociedade Agricola do Distrito de Bragança"**, criada pelo "Decreto de 20 de Setembro de 1844, assim como **Diogo Albino de Sá Vargas (D.A.)** e **António José Teixeira (A.J.)**, provavelmente são os nomes dos outros redatores do periódico, nomeados no artigo de D.A. que anuncia o início do funcionamento da sociedade em "princípios do mês de Março" de 1845 (p. 7).

Na nossa opinião, **o associativismo cultural gerado pela sociedade referida, impulsiona o lançamento do jornal** que abre com a secção

“**Agricultura**”, com a exceção do seu primeiro número. Esta rubrica, escrita por **A.J.**, conta com D.A nos números seis e sete do periódico.

Logo no seu primeiro texto em “Agricultura”, **A.J.** afirma que “na ordem de todas as industrias sociaes, a agricultura occupa o primeiro lugar [...]”; e que a “importância real, que presentemente se dá á agricultura, ou se considere como arte, ou como sciencia, em cujo caso recebe mais privativamente o nome de agronomia, é imensa”. Sendo um dos redatores, A.J. diz que seria imperdoável se “na tarefa, que empreendemos, ficassemos silenciosos sobre o primeiro elemento da prosperidade para o Paiz, para esta Provincia e para o nosso Districto com particularidade [...]” (pp. 2-3).

D.A. (?), além de redator, colabora com crónicas históricas e científicas: “Causas da decadencia politica e social da Hespanha” (pp. 25-27), “Cultura do arroz” (pp. 83-84), “Questão dos cereaes em Inglaterra” (pp. 89-91), etc.

No jornal, refere-se que a “instrucção em razão de quaesquer cargos **Publicos**”, justifica a publicação da “**Synopse da Legislação** [...]”, secção que fecha o jornal, com exceção dos números oito e doze. O número oito porque termina com a resposta à crítica do jornal “*Illustrador*⁸ (n.º 31)” sobre o verbo «ermar» (p. 128), e o último número, o doze, finaliza com o texto “*Um genio d’artista ...*” sobre um marceneiro pobre e artista local numa “*ingrata pátria*” (p. 192). Antes, publica-se a lenda “**Florette**” traduzida por **M.C.F.D.**, “esposa de um artista desta Cidade” e única colaboração feminina, segundo a “nota (1)” de “Os RR” (p. 190).

Dos conteúdos de teor literário, e apesar das assinaturas dos autores em iniciais, destacamos: “**O Cantaro d’Agoa. Chronica do Século XIV**” de J.P. de M.S., investigador local que diz “fazer popular a nossa historia” para o progresso da sua “Provincia” (n.º 1-n.º 4); “**Aventuras de Mistress Inchbald**” de P.C.F., tradutor deste conto moralista (n.º 10-n.º 12); “**Breve noticia genealógica da familia dos Moraes**” de F.X.G. de S., sobre o convento de S. Francisco na cidade de Bragança (pp. 142-143); e “**Lyra**” de J. do C.S.T., o segundo poema deste periódico (pp. 154-155).

A rubrica “**Variedades**”, em letra maiúscula, compunha-se de pequenas notícias do estrangeiro ou nacionais como “**Lobos damnados**” (p. 79) e “**Homens damnados**” (continuação solta na p. 127) de **António José Garcia**; resumidas crónicas históricas ou tabelas de preços de cereais (n.º 1, n.º 3-6); incluía, até terminar no sexto número, a secção “**Bibliographia**” que divulgava livros de teor variado ou integrava crítica literária (n.º 1, n.º 4-6). No oitavo número do periódico, a secção “Bibliographia” reapareceu com um anúncio à *Revista Económica* (Lisboa, 1846); depois intitulou-se “**Bibliographia Religiosa**” elogiando os periódicos *Jornal da Sociedade Catholica* (Lisboa, 1844-1853) e o *Religiozo* (Lisboa, 1846); e “**Bibliographia Dramatica**” com

⁸ Refere-se a *O Illustrador: jornal crítico, instructivo e recreativo* (Lisboa, 1845-1846). Cf.: <http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bn&uri=full=3100024-1507821-10>

uma **lista de quase “112 peças de teatro”** publicada na contemporânea “*Revista Univ. Lisb.* Vol. 5.º serie 3.ª art. 404 e 420⁹” (n.º 10-n.º 11).

Contabilizámos cerca de doze colaboradores no periódico, mas apenas conseguimos identificar o seu *redator principal* que assinou sempre A.F. de M.P., provavelmente o responsável pela maioria dos conteúdos publicados serem pedagógicos e de natureza técnico-científica.

ESTRUTURA GRÁFICA

O *Pharol Transmontano* apresenta um *frontispício simples*, no início de cada número, com o título principal em letra maiúscula de maior dimensão, a respetiva numeração e data (mês e ano). No fim das *primeiras páginas*, encontra-se a indicação de “Tom. I”, e em cada quarta folha, o periódico tem outra numeração (1 a 24), que identifica os cadernos tipográficos.

O periódico, de 25 cm de altura e impresso a duas colunas, tem pouca ilustração e não é colorido. Separados por pequenas linhas centrais, os textos sucedem-se, encabeçados pelos seus títulos em maiúsculas, exceto os três ilustrados pelas xilogravuras. Com paginação contínua, não incluída nas suas *primeiras páginas*, cada número contém dezasseis páginas. Sem fim anunciado, desconhecemos as razões do seu término.

CONTEXTO SOCIAL

José Mattoso, historiador, escreve que **Garrett e Herculano eram os “líderes simbólicos das gerações românticas e liberais”**. E acrescenta que para “compensar a debilidade da rede escolar e até a resistência das populações intensifica-se a actividade jornalística, poderoso meio de socialização política e ideológica, de formação e informação dos cidadãos.” Ainda de acordo com este historiador, no *liberalismo, a imprensa e a escola apontam-se como os “principais instrumentos civilizadores”*¹⁰.

Em Portugal, a *revolução liberal* pretendia o progresso económico que passava pelo aumento da *instrução*. E uma sociedade instruída adquire mais conhecimentos da história dos territórios, do património nacional, etc. É neste âmbito regionalista e patriótico, que situamos *O Pharol Transmontano*.

Por Helena Roldão

Lisboa, Hemeroteca Municipal de Lisboa, 30 de abril de 2015.

⁹ Cf.: “Statistica Dramatica. Art. 404” e “Statistica Dramatica. Art. 420”. In *Revista Universal Lisbonense* (Lisboa, 1841-1859), N.º 33 (5 fevereiro 1846), pp. 392-393; e N.º 34 (12 fevereiro 1846), pp. 404-405 (<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RUL/RUL.htm>).

¹⁰ Cf. “Os Liberalismos. Regeneração.” – In MATTOSO, José (dir). *História de Portugal*. Vol. 5, Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, p. 219.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, 1978.

MATTOSO, José – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. 5, 1993.

MESQUITA, João Carlos de Vilhena e César – *A Ilustração nas Publicações Periódicas Portuguesas (1820-1850)*. Dissertação de Mestrado em História da Arte.” U.P., 1997. (disponível na WWW, em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19448/2/FLM05701P000081851.pdf>).

PEREIRA, Maria da Conceição Meireles – “*Imprensa e regionalismo em Bragança. Do Liberalismo aos alvares do Estado Novo*”. In *O Património Histórico-Cultural da região de Bragança/Zamora*. Porto : CEPESE / Afrontamento, 2005. pp. 165-175. (disponível na WWW, em <http://www.cepesepublicacoes.pt/portal/pt/obras/o-patrimonio-historico-cultural-da-regiao-de-braganca-zamora/ler-em-flash>).

Revista Universal Lisbonense (1841- [1859]). Lisboa: Imprensa Nacional. (disponível na WWW, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RUL/RUL.htm>).

SILVA, Inocêncio Francisco da – *Diccionario Bibliographico Portuguez ...* Lisboa : Imprensa Nacional, T. 8 (1867).